

## CCONTEÚDOS

- 01 EDITORIAL
- 02 ARTIGO EDUCAÇÃO EM MUSEUS NO SÉCULO XXI
- 07 OPINIÕES SERÁ A CRISE UMA OPORTUNIDADE?
- 09 NOVOS, RECENTES E RENOVADOS MUSEU DO AR
- 13 ENTREVISTA COM... JAIME BULHOSA
- 16 NOTÍCIAS ICOM
- 18 NOVAS PUBLICAÇÕES
- 19 CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

## EDITORIAL

MARIA VLACHOU

O encontro Serviços Educativos em Portugal: Ponto da Situação, organizado pelo ICOM Portugal, reuniu mais de 150 profissionais da área. Um dos seus objectivos era dar a conhecer o CECA – Committee for Education and Cultural Action, o segundo maior comité internacional do ICOM. Contámos, assim, com a presença e participação da Presidente do CECA, Emma Nardi, naquela que foi a sua primeira intervenção pública após a sua eleição na Assembleia-Geral em Xangai, em Novembro passado. Nesta edição, **Emma Nardi** escreve um artigo, que constitui um sumário da sua apresentação no Museu Nacional de Arte Antiga no passado dia 7 de Fevereiro, onde nos apresenta a estrutura e actividade do CECA e aqueles que considera que são os desafios para o sector no século XXI. Nesse mesmo encontro, foi designada Correspondente Nacional do CECA **Rosário Azevedo**, Técnica do Serviço Educativo do Museu Calouste Gulbenkian.

A crise é tema diário nas nossas conversas. Com ou sem ela, a situação de muitos museus em Portugal, talvez da maioria, tem sido muito preocupante. Poderá, no entanto, a crise constituir uma oportunidade, de alguma forma? Haverá forma de, a partir das dificuldades que enfrentamos, surgirem ideias inovadoras, soluções duradouras, uma verdadeira visão de futuro? **Maria João Vasconcelos**, Directora do Museu Nacional Soares dos Reis, e **Dália Paulo**, Museóloga e Directora Regional da Cultura do Algarve, apresentam-nos o seu ponto de vista.

Um 'novo' Museu do Ar abriu as suas portas ao público há aproximadamente um ano. Com novas instalações em Sintra, o museu reúne as colecções do Museu do Ar, e também aquelas da ANA – Aeroportos e da TAP. O **Tenente Yann Araújo** conta-nos a história deste projecto.

Nesta edição, entrevistamos **Jaime Bulhosa**, dono da livraria Pó dos Livros. Estas entrevistas têm sido, espero, uma janela que nos permite descobrir como vêm os museus pessoas que não pertencem à nossa profissão, mas que são visitantes regulares ou ocasionais de museus. A entrevista com Jaime Bulhosa permite-nos ainda pensarmos a nossa profissão através duma outra, aquela do dono de uma pequena livraria independente.

E, como sempre, encontrarão aqui novas publicações, notícias relativas à actividade do ICOM Portugal e uma agenda das iniciativas que se realizarão neste trimestre.

## ARTIGO

### EDUCAÇÃO NOS MUSEUS NO SÉCULO XXI

**EMMA NARDI**

**Presidente do CECA – ICOM International Committee for Education and Cultural Action**

Luís Raposo, Presidente do ICOM Portugal, convidou-me a participar num Encontro Nacional em Lisboa, no dia 7 de Fevereiro de 2011. Foi o meu primeiro compromisso público como Presidente do *Committee for Education and Cultural Action* (CECA), depois da minha eleição na Assembleia-Geral de Xangai, em Novembro 2010. O encontro teve lugar no Museu Nacional de Arte Antiga, porque este foi o museu que propôs primeiro actividades educativas em Portugal. Apreciei muito o valor simbólico desta opção. Foi emocionante ver mais de 150 educadores de museus a assistir ao encontro. Tinha-me sido solicitado descrever à audiência o que é o CECA e o programa que pretendemos desenvolver nos próximos três anos. Este texto é um sumário do que disse no encontro.

O Conselho Internacional dos Museus (ICOM) foi criado em 1946, sob a égide da UNESCO, como uma organização de profissionais de museus. Hoje em dia, o ICOM é uma rede que junta mais de 30.000 profissionais de todo o mundo. O ICOM está organizado em comités. Existem 117 comités nacionais que juntam profissionais do mesmo país, 31 comités internacionais, associados a uma temática, e 7 alianças regionais, que têm como objectivo aumentar a cooperação entre países da mesma região. Todos os profissionais do ICOM partilham o mesmo código de ética e a seguinte definição de museu: “Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.”

O CECA é o Comité para a Educação e a Acção Cultural. Se lermos com atenção a definição de museu, percebemos imediatamente que temos nele um papel fundamental: todos os museus devem comunicar o seu conteúdo ao público; em todos os museus os visitantes devem encontrar os meios para a educação e a fruição. Na minha opinião, esta segunda palavra corresponde à nossa missão relacionada com a acção cultural. A Comissão Europeia faz uma distinção entre a educação formal, providenciada por entidades do estado (como universidades e escolas), a educação não-formal, que está estruturada mas sem reconhecimento público (como o diploma final da escola ou a licenciatura), e a educação informal, que é individual e pode ter lugar em qualquer lugar, a qualquer hora. Os museus lidam com a educação não-formal quando organizam visitas guiadas e palestras, porque nestes casos há uma pessoa responsável por ensinar e outras pessoas que ouvem e é suposto aprenderem. Lidam também com a educação informal, porque os visitantes, quando vêm sozinhos, aprendem (e divertem-se) graças aos meios escritos e electrónicos que encontram no museu. Por isso, o CECA pode aconselhar os museus tanto sobre educação não-formal como sobre educação informal.

O CECA é o segundo maior comité internacional do ICOM, com mais de 1000 membros espalhados por 70 países. Os nossos principais objectivos são:

- Promover o desenvolvimento da educação e da acção cultural;
- Criar um fórum internacional para a troca de informações e a cooperação entre profissionais, museus e outras instituições relacionadas, a fim de desenvolver a área da educação e da acção cultural, debater os seus problemas e prever a sua evolução;
- Formular e levar a cabo um programa de actividades para os seus membros;
- Promover a investigação científica;
- Facilitar a divulgação do conhecimento, definir e manter altos padrões de profissionalismo;
- Contribuir para o desenvolvimento e a implementação da filosofia do ICOM e do seu programa;
- Apoiar os esforços do ICOM para a melhoria da relação educacional e cultural do mundo dos museus com o público;
- Aconselhar o ICOM sobre questões de educação e acção cultural;
- Cooperar com os Comitês Nacionais e Internacionais, assim como com as Organizações Regionais do ICOM, na promoção e melhoria da educação e da acção cultural em todo o mundo.

A organização do Comité assenta num conselho de membros eleitos e associados. Os membros eleitos são o Presidente, o Secretário e 6 membros. Os actuais membros do Conselho e as suas respectivas responsabilidades são:

- Presidente: Emma Nardi (Itália)
- Secretária: Josée Duhaime (Canadá)
- Coordenador regional para os EUA e o Canadá: Pino Monaco (EUA)
- Coordenador regional para a América Latina e as Caraíbas: Daniel Castro (Bolívia)
- Coordenadora regional para a Europa: Marie-Clarté O'Neill (França)
- Coordenador regional para a África: Umebe N. Onyejekwe (Nigéria)
- Publicações: Stella Krissoulaki (Grécia)
- Website: Jenni Fuchcs (Reino Unido)

Infelizmente, não foi eleito nenhum representante da região da Ásia e do Pacífico.

O CECA tem muitas responsabilidades e lida com membros espalhados por todo o mundo. É fácil perceber que o volume de trabalho é grande. É por isso que o conselho tem a oportunidade de designar membros associados, atribuindo-lhes tarefas específicas. Em baixo encontra-se a lista dos membros associados e das suas responsabilidades:

- Tesoureira: Francine Lelièvre (Canadá)
- Investigação: Colette Dufresne Tassé (Canadá)
- Desenvolvimento Profissional: Arja van Veldhuizen (Holanda)
- Relações entre comités: Nicole Gesché-Goering (Bélgica)
- Projectos intercontinentais: Sonia Guarita do Amaral (Brasil)
- Newsletters CECA: Silvia Ciriello (Itália)

Para organizar uma rede da base para o topo, o CECA criou a posição do Correspondente Nacional. Em cada país é agora possível haver um representante dos membros do CECA, que pode coordenar a sua actividade, sob a supervisão do Coordenador Regional. A Europa é a região em que os Correspondentes Nacionais são particularmente activos. Neste momento, temos 23 Coordenadores Nacionais Europeus, que representam os seguintes países: Arménia, Áustria, Bélgica, Croácia, Dinamarca, Finlândia, França, Geórgia, Alemanha, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália, Moldávia, Holanda, Noruega, Portugal, Rússia, Slóvaquia, Espanha, Suécia, República Checa, Reino Unido.

A Correspondente Nacional portuguesa, Rosário Azevedo, foi designada durante a reunião que teve lugar imediatamente a seguir ao encontro em Lisboa. As tarefas do Correspondente Nacional são muito importantes, a nível nacional e internacional:

- Melhorar no seu país a mailing list dos membros do CECA;
- Atrair novos membros;
- Envolver os membros do CECA em actividades;
- Ajudar os membros a desenvolver as suas capacidades profissionais;
- Organizar encontros e conferências nacionais;
- Escrever um relatório nacional anual.

Desde 2009, os Correspondentes Nacionais Europeus reúnem todos os anos na Itália para debater questões que são do interesse comum. Quando reuniram em Roma em 2009, decidiram realizar um inquérito para conhecer melhor os membros do CECA. Em 2010, durante a reunião em Salerno, decidiram organizar uma base de dados para reunir informação sobre as competências profissionais dos membros do CECA. Em 2011, na reunião que vai ser realizada em Rieti, o assunto principal será definir e descrever boas práticas na educação nos museus. Estou muito orgulhosa porque o *brainstorming* no grupo dos Correspondentes Nacionais Europeus resulta sempre em ideias brilhantes, que são recebidas e apoiadas com muito entusiasmo pelo Conselho.

O inquérito organizado em 2010, em colaboração com *Cultuurnetwerk – The Netherlands*, teve como base um grande questionário, que tinha duas partes: a primeira parte relacionada com o ICOM e o CECA, a segunda parte com os museus em que trabalhavam os membros. O questionário foi preparado em inglês e traduzido para francês e espanhol. Técnicos do *Cultuurnetwerk* desenvolveram um formulário electrónico especial que poderia ser preenchido *online*. Foram consideradas quatro situações distintas: membros individuais que trabalham em museus; membros individuais que não trabalham em museus; membros corporativos que trabalham em museus; membros corporativos que não trabalham em museus. Foram recolhidos dados muito interessantes e foram usados para serem tomadas decisões de acordo com as necessidades dos membros. Os resultados completos serão publicados no próximo número do ICOM *Education* em Setembro 2011. A publicação será apresentada na conferência anual do CECA em Zagreb.

Em Salerno, os Correspondentes Nacionais Europeus lançaram a ideia de uma base de dados na qual os membros do CECA poderiam colocar a sua própria apresentação, de forma a termos um arquivo actualizado dos nossos peritos em diferentes áreas e em relação a diferentes tipos de público. A informação a ser fornecida está organizada em três secções:

## 1. Informação geral

Número do cartão ICOM; Nome; Apelido; Sexo; País; Cidade; Instituição; Departamento; Posição; Categoria de museu; Email; Website; Línguas faladas.

## 2. Keywords (máximo 5)

### 3. Actividades dirigidas ao público

*Tipo de público (indivíduos ou grupos):* crianças, jovens, seniores, adultos, famílias, pessoas com necessidades especiais, pessoas com deficiência, recém-chegados e antigos imigrantes, voluntários, grupos escolares e estudantes, turistas, não-visitantes, comunidade local.

*Tipo de serviço em mediação cultural:* exposições, visitas guiadas, workshops, palestras, *hands-on*, programas educativos de *outreach*, eventos públicos, contar histórias, mediação escrita, publicações, novas tecnologias, jogos.

A base de dados ficará disponível no website do CECA. No futuro, museus que queiram organizar cursos de desenvolvimento profissional poderão encontrar os peritos que melhor respondam às suas necessidades.

Uma importante ferramenta de comunicação é a Newsletter do CECA Europa, uma publicação lançada em 2007, que apresentou a sua 10ª edição em 2010. É possível ter acesso a todos os números através dos seguintes endereços:

<http://musei2.educ.uniroma3.it/musei/index.htm> (attività editoriali)

[http://ceca.icom.museum/01\\_cms/details.asp?ID=9#197](http://ceca.icom.museum/01_cms/details.asp?ID=9#197)

Convido todos os membros portugueses não só a ler a *Newsletter*, mas também a contribuir, enviando informação sobre as suas actividades.

Um dos principais eventos do CECA é a sua Conferência Anual. Em 2011 a Conferência será realizada em Zagreb (Croácia) e o tema será: *Old questions, new answers. Quality criteria for museum education*. Em 2012 o local será Yerevan (Arménia) e o tema *Written communication in museums. Books, leaflets, labels and more*. Pela primeira vez este ano a primeira parte da conferência será difundida ao vivo no website do CECA. Os membros que não poderão assistir à conferência terão, assim, a oportunidade de assistir às comunicações e participar na discussão. Os membros portugueses do CECA deram um contributo importante ao evento, sugerindo a organização de grupos em diferentes cidades onde os membros poderão fazer a ligação em conjunto.

Quando o Tony Blair se tornou Primeiro Ministro do Reino Unido, a sua primeira afirmação pública tinha sido sobre as suas três prioridades: educação, educação, educação. Isto significa que nos países industrializados a educação é uma necessidade suprema, não só em termos de igualdade e democracia, mas também como um importante recurso económico. Os sistemas escolares europeus estão muito empenhados em criar boas oportunidades para todos os alunos, mas a tarefa torna-se mais e mais difícil, uma vez que os alunos não vêm, como no passado, de famílias de classe alta e média, onde o próprio ambiente familiar é uma espaço educativo. Neste momento, alunos de meios desfavorecidos vão à escola pelos menos até aos 16 anos. As suas capacidades não são muito satisfatórias, enquanto a sua motivação pode ser muito baixa. Inquéritos internacionais indicam que o nível de compreensão de um texto, que é a base da construção do conhecimento, é cada vez menos satisfatório. Acredito que os museus podem ter um papel muito importante, juntamente com as escolas, na melhoria da capacidade dos alunos em termos da compreensão de textos. Posso apresentar várias razões por esta minha convicção:

- Os museus têm um valor simbólico muito alto, que ajuda os alunos a perceber problemas complexos;
- Os museus preservam o passado, ajudando a entender o presente;
- Os museus apresentam uma forte analogia com a expressão verbal. São feitos de objectos (palavras) que são organizados em colecções (frases). Por isso, têm uma gramática (elementos individuais) e uma sintaxe (elementos combinados).

Os museus não se dirigem apenas aos grupos escolares, claro. Podem ter um papel igualmente importante na aprendizagem ao longo da vida e na educação contínua, em organizar actividades de lazer que possam interessar às famílias e aos visitantes individuais. Um último desafio que diz respeito aos não-visitantes: como atrair grupos sociais que não estão familiarizados com os museus? Como mostrar que os museus não são lugares só para alguns, mas instituições contentes em dar as boas-vindas a pessoas novas?

Durante o encontro, tive a oportunidade de ouvir apresentações sobre a actividade educativa de muitos museus. O estado da educação nos museus em Portugal parece-me saudável e dinâmico, com muitas semelhanças aos desenvolvimentos na área da educação nos museus no resto do mundo. Por exemplo, existem museus com grandes orçamentos e museus onde é difícil encontrar dinheiro até para fazer fotocópias. Existem museus com muitas pessoas dedicadas à educação e outros em que as mesmas pessoas têm que desempenhar diferentes papéis. Existem museus com salas onde os alunos podem trabalhar e museus que não têm serviços para o público. Quando a situação é difícil do ponto de vista da logística, em Portugal, como em muitos outros países, os educadores tentam desempenhar as suas funções usando a sua imaginação e competência. De qualquer forma, uma característica quase única é a atenção dada aos aspectos históricos. A educação nos museus foi lançada em Portugal a seguir à Segunda Guerra Mundial e algumas apresentações tinham como objectivo lembrar-nos o quanto é importante ainda hoje o trabalho desenvolvido por Madalena Cabral. Os museus são lugares onde o passado é preservado para as gerações futuras. Considero muito importante que um país queira passar a futuras gerações de educadores de museu a riqueza do seu passado nesta área.

A minha visita a Lisboa foi útil e inspiradora. Espero que a excelente relação estabelecida seja o ponto de partida de uma cooperação fértil, que permitirá aos membros portugueses do CECA aumentarem os seus resultados e especialização profissional e trocarem experiências com outros membros do CECA espalhados pelo mundo.

(Tradução: Maria Vlachou; Revisão: Ana Isabel Apolinário)

---

## OPINIÕES

### SERÁ A CRISE UMA OPORTUNIDADE?

**I**  
**MARIA JOÃO VASCONCELOS**  
Directora do Museu Nacional Soares dos Reis

Em plena crise, não é fascinante falar dela! No entanto, o exercício de adaptação a que ela nos obriga é de alguma forma uma oportunidade de reflexão, sempre útil e mesmo indispensável, se não quisermos que essa adaptação nos leve a uma acomodação quase depressiva.

É por ocasiões de crise que as alterações dela decorrentes são muitas vezes apresentadas como reformas, remodelações ou reestruturações. Penso que a prudência aconselharia a que estas alterações fossem encaradas e apresentadas como soluções experimentais e sempre sujeitas a períodos de posterior avaliação.

Percebemos nestas alturas quão importante é ter dados concretos e o mais objectivos que nos for possível, sobre a realidade dos nossos museus. Só dessa forma poderemos tentar propor planos experimentais com novas metodologias que nos permitam manter objectivos e traçar metas realistas. As propostas de alteração não poderão ficar muitas vezes por meras fórmulas de redução de orçamentos e implicarão, assim, alterações estruturais inevitáveis. Se pudermos ser nós, os que trabalhamos nos museus, a propor medidas de funcionamento mais adequado à situação que vivemos, teremos com certeza melhores resultados do que se aguardarmos que essas inevitáveis mudanças nos sejam comunicadas em resultado de planos mais genéricos.

O resultado do confronto das nossas 'impressões' com os resultados de trabalhos de inquirição e análise dos nossos públicos, ou do funcionamento interno das nossas instituições, se nalguns casos as vem confirmar, noutros surpreende-nos bastante. Isso dá-nos a medida da necessidade de conjugar o nosso conhecimento de proximidade com o trabalho de quem nos pode orientar e ajudar a interpretar os dados que temos à disposição. Penso que estes trabalhos de conhecimento de públicos e funcionamento dos museus são fundamentais para podermos tomar a posição que advogo perante a situação de crise em que nos encontramos.

O mundo dos museus é muito heterogéneo e as afirmações feitas de forma genérica são sempre inadequadas para algumas realidades. Os museus públicos terão situações diferentes dos que são dependentes de outras entidades. Os museus grandes e os pequenos debatem-se com problemas diferentes. A visibilidade de cada um determinará o empenho de mecenas e patrocinadores. No entanto, todos estamos a ver a realidade a tornar-se diferente de dia para dia e nunca de forma a tornar mais fácil a nossa actuação.

Nessa medida, o empenho em antecipar propostas de caminhos possíveis para a manutenção da actividade dos museus é, a meu ver, um desafio interessante e uma oportunidade de experimentar soluções que possam vir a ser avaliadas e servir de novos modelos.

## II DÁLIA PAULO

Museóloga, Directora Regional de Cultura do Algarve

Hoje a palavra mais dita, lida e ouvida é 'crise'. Ela está por todo o lado. Diz o ditado popular que os momentos de crise são, simultaneamente, momentos de oportunidade.

Será que os museus portugueses estão a agarrar essa oportunidade? Antes de dar resposta à pergunta formulada, importa salientar que o milénio começou muito bem para os museus portugueses, uma vez que tiveram oportunidade de renovar os seus espaços e inovar tecnologicamente através do Programa Operacional para a Cultura (2000-2006) do Quadro Comunitário de Apoio III. Simultaneamente, assistimos à formação da Rede Portuguesa de Museus em 2000, uma rede criada com o objectivo de valorizar e qualificar a realidade museológica nacional, de descentralizar e de promover a articulação entre museus. Em nossa opinião estes dois 'eixos' permitiram aos museus portugueses qualificar-se e, sobretudo, reposicionar-se na sociedade como espaços de conhecimento, de partilha, de comunicação e de reflexão.

Voltando à questão inicial, não podemos esquecer que a maioria dos museus portugueses está habituada a gerir os poucos recursos que tem para trabalhar com equipas quase inexistentes e, chegados ao momento actual de crise, atrevemo-nos a afirmar que os museus são as instituições culturais melhor preparadas para criar oportunidades num período de mudança. Neste contexto extremamente difícil para os museus, onde não há soluções únicas, é preciso mostrar às tutelas a importância da sua função social e o esforço das suas equipas. Nada de resignação! É tempo de seguir, de derrubar barreiras mentais, de procurar novas práticas, novos serviços a prestar, novos financiamentos e alargar os públicos, para continuar a desenvolver um trabalho socialmente útil.

Isto porque os museus na sua (im)permanência são lugares de mudança, significando isso que têm capacidade de se re-pensar e de re-centrar a sua acção. Deste modo, os museus portugueses estão (e devem estar) a agarrar esta oportunidade, mudando a sua atitude – procurando parcerias, constituindo redes regionais e temáticas, começando a utilizar as novas plataformas de comunicação gratuitas via *web*, diversificando o produto cultural e a forma de o comunicar. Nunca esquecendo que, como afirma Mário Chagas, “o maior desafio dos museus continua sendo o de estar ao serviço da vida e da humanidade em cada um de nós.”<sup>1</sup>

Para agarrar esta oportunidade os museus têm de apostar nas pessoas, na investigação como eixo central do seu trabalho; na mudança de paradigma através da reorganização de colecções; no reagrupamento de museus; numa programação participativa; numa acção cultural conjunta; nos serviços a prestar; no reforço dos grupos de amigos; no sair de portas e ir ao encontro das pessoas; em sair do gueto e fazer parte integrante, relembrando o conceito de museu integrado e implicado socialmente no processo para ultrapassar a 'crise'.

O nosso grande desafio é fazermos do museu um espaço alternativo e, ao mesmo tempo, essencial ao desenvolvimento das pessoas, sendo parceiros na construção de uma cidadania activa porque “o presente é uma escolha de futuros possíveis”, está nas mãos de cada um de nós, profissional de museus, dar o seu contributo no desenho da mudança que queremos e sonhamos para os *nostros* museus.

---

<sup>1</sup> CHAGAS, Mário (s/d), *Os museus na Sociedade Contemporânea: um olhar poético*.

## NOVOS, RECENTES E RENOVADOS

### MUSEU DO AR

#### TENENTE YANN ARAÚJO

Conservador do Museu do Ar



O projecto de construção de um Museu da Aviação em Portugal é tão antigo como a história da própria aviação no nosso país. A ideia nasceu com a criação do Aero Clube de Portugal, que nos seus estatutos apontava para a concretização de um museu – academia ou aula de princípios aeronáuticos. Estava-se em 1909, apenas seis anos após a experiência do Irmãos Wright e três anos após o voo bem sucedido de Santos Dumont a bordo do seu XIV Bis, um ano em que Portugal também assistiu ao primeiro voo de uma aeronave - o curto voo de Armand Zipfel aos comandos de um Antoinette Voisin a partir do hipódromo de Belém.

Pela ocasião de celebrar os Cem Anos deste primeiro voo de uma aeronave em Portugal no ano de 2009, o Museu do Ar decidiu avançar para a expansão e requalificação do seu pólo da Granja do Marquês na Base Aérea nº 1. Trata-se de uma das mais antigas Bases da Aviação Militar e a que há mais tempo se encontra activa – celebra este ano o seu 81º aniversário – e que possui uma estrutura capaz de conservar o vasto espólio do Museu do Ar, que conta com dezenas de milhares de peças listadas e 9500 inventariadas.

Elementos da memória da Aviação Portuguesa, tendo os primeiros sido recolhidos com método pelo Almirante Gago Coutinho, que começou a partir da década de 1930 por coleccionar peças que lhe tinham sido dadas a si e a Sacadura Cabral, tendo em vista a criação de um Museu Nacional de Aviação. Em 1953 e 54, perfazendo-se os 50 anos do início da aviação no Mundo, o projecto ganhou nova vida e o Coronel Pinheiro Correia, então Presidente do Aero Clube de Portugal criou uma comissão constituída por Gago Coutinho, Carlos Bleck e o Coronel Ribeiro de Almeida (oficial ligado à fundação em 1918 do Parque Aeronáutico de Alverca, ainda hoje existente) com esse objectivo. Contudo, só passados dez anos (em 1963) é que, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, se conseguiram instalações para mostrar o acervo relacionado com a história da aeronáutica portuguesa no Palácio dos Pimentas, um edifício com uma área considerável em Lisboa e que estava, ao mesmo tempo, destinado ao Museu da cidade.

A ideia seria no entanto abandonada, para dois anos mais tarde se esboçar a localização definitiva do primeiro Museu do Ar. Em 1965, através de um Despacho do Secretário de Estado da Aeronáutica, foi criada uma comissão consultiva que tinha como objectivo a instalação de um Museu de Aviação. Faziam parte desta comissão o Brigadeiro Fernando Oliveira, e os coronéis Pinheiro Correia e Edgar Cardoso - este último, historiador da aviação e futuro primeiro Director do Museu.

Graças a este último estímulo, finalmente em 1968 é publicado o Decreto-lei que criava o Museu do Ar. Por decisão do Brigadeiro Fernando Oliveira, então Secretário de Estado, a colecção começa a ser organizada pelo Tenente-Coronel Carlos Beja (antigo Director do Aeroporto) e Edgar Cardoso, sendo inaugurado oficialmente em 1 de Julho de 1969 em Alverca com a presença do Presidente da República.

Sempre da responsabilidade da Força Aérea Portuguesa, o Museu do Ar tem sabido desde o início preservar a memória da Aviação Nacional, Militar e Civil. O Museu tem hoje à sua guarda o património da Aeronáutica Militar, Aviação Naval e Força Aérea, bem como o da TAP e da ANA-Aeroportos. A sua existência constitui uma garantia de que os 30 Gloster Gladiator, os 119 Spitfire, 142 Hurricane, os 50 Thunderbolt, os seis B-17, por exemplo, da Aeronáutica Militar (antes da criação da Força Aérea em 1952), não desapareçam. Um espírito de salvaguarda que se estende à memória das companhias aéreas nacionais desde a década de 1920, e à História e histórias das infra-estruturas aeroportuárias nacionais, preservando recordações dos tempos em que grandes hidroaviões amaravam em Lisboa no hidroporto de Cabo Ruivo, ligado (a partir de 1942) com o aeroporto da Portela de Sacavém pela Avenida dos Aeroportos.



Nave central, com vista do Santos Dumont XIV Bis, do De Havilland Dragon Rapide e do Beechcraft AT-11.



Nave central, vista da cauda do Spitfire Mk IX e do Santos Dumont Demoiselle XX.

Uma colecção que foi e continua a ser considerada pela crítica internacional como uma das mais interessantes, completas e valiosas do Mundo. Durante 40 anos o Museu do Ar marcou presença em Alverca, crescendo para o pólo da Granja do Marquês na Base Aérea nº 1 em Sintra e o pólo de Ovar, no Aeródromo de Manobra nº1. Em Alverca o Museu chegou a ocupar 3000 metros quadrados, distribuídos por três naves cobertas e uma zona ao ar livre onde ainda se podem visitar 20 aviões e planadores, a sala dos Pioneiros da Aviação (de homenagem aos primeiros e mais célebres aviadores portugueses), motores, hélices, equipamentos de voo, simuladores, armamento e uma colecção com mais de 1000 modelos de aviões à escala 1/72.

O projecto Museológico do Museu do Ar na Granja do Marquês foi desenvolvido até 2005 com vista a ser criada uma estrutura construída de raiz. Após esta data, que ditou a adaptação para Museu da aérea correspondente a antigos hangares e estruturas de apoio de Esquadras de Manutenção da Base Aérea Nº 1, as imposições da arquitectura implicaram uma adaptação do projecto tendo em conta os parâmetros modelares da conservação preventiva, influenciando sobre a própria escolha das peças em exposição e nas reservas.

A estrutura dos hangares sofreu uma intervenção sobre o isolamento do tecto, adaptação do chão (rebaixamento e colocação de piso auto-nivelante), iluminação, filtragem de radiação UV, instalação eléctrica, rede informática, sistemas de acesso a cidadãos portadores de deficiências motoras e sistemas de alarme e combate a incêndio. Em simultâneo, acelerou-se o processo de inventário sistemático das colecções (com recurso ao programa INARTPLUS), avaliação das suas condições de conservação, manuseabilidade e exposição, e desenvolveu-se o novo plano de conservação preventiva dos objectos do acervo, bem como o programa plurianual de conservação e restauro de peças para exposição. A estas iniciativas se devem somar o plano de divulgação do novo Museu (com a renovação do sítio Internet) e o programa de formação do pessoal vigilante, garantindo um novo patamar de qualidade na visita e capacidade de conservação das colecções à guarda do Museu. A requalificação e reestruturação, que terminou em Dezembro de 2009, ditou a transferência da Direcção do Museu de Alverca para a Granja do Marquês e garante a preservação da selecção de aeronaves presente, 40 das 120 que o Museu tem à sua guarda, assim como mais de duas centenas de peças expostas em vitrinas.



Espaço ANA, recriação da sala VIP do Aeroporto Internacional de Lisboa na década de 1970.



Vitrina com artigos promocionais de diversas companhias de aviação.

Algumas aeronaves destacam-se pela sua raridade e importância para a História aeronáutica nacional e internacional. É o caso da réplica em estado de voo do Santos Dumont XIV Bis (primeira aeronave a realizar na Europa um voo autónomo em Paris, corria o ano de 1906), do Junkers JU 52 original (datado de 1936), do Supermarine Spitfire (caça de interceptação célebre pelo seu papel na Batalha de Inglaterra - 1940), do De Havilland Tiger Moth (referência intemporal entre os aviões de instrução, que chegaram a ser construídos em Portugal), do T-6 (avião de instrução e de ataque ao solo, essencial ao esforço da Guerra travada em África), do FIAT G-91 (caça-bombardeiro a jacto de ataque ao solo, registando na Força Aérea 75.000 horas voadas), do helicóptero Sikorsky UH19 A (essencial no esforço de Busca e Salvamento no Arquipélago dos Açores nos anos 50 e 60 do século passado), assim como os cockpits do Lockheed Super Constellation e Boeing 707 (ligados à TAP e à Força Aérea).

No espaço da TAP, onde se encontra exposto grande parte do seu valioso espólio guardado desde a criação da companhia em 1945, temos acesso a várias colecções, desde uma com a evolução das cadeiras de avião (desde o DC3 *Dakota* até ao Boeing 707), passando pela cronologia do fardamento utilizado pelas tripulações e pessoal de apoio, à operação desde os tempos da *Linha Imperial* aos dias de hoje. Logo acima, numa sala com acessibilidade a cidadãos portadores de deficiência, impõe-se a visita à sala da ANA-Aeroportos de Portugal. Entre outros motivos de interesse, destaca-se a recriação da sala de controlo de tráfego aéreo do aeroporto internacional de Lisboa à data da sua criação, em 1942. Estão visíveis (podendo alguns ser

manuseados) todos os instrumentos, sistemas e mobiliário da época - com a particularidade de neste espaço se poder observar a actividade na placa e na pista da Base Aérea nº1, onde evoluem aeronaves da Força Aérea.



Espaço TAP, vista da exposição de fardas e do primeiro simulador de voo da companhia.



Espaço ANA, pormenor da vitrina com artigos promocionais de diversas companhias de aviação.

A breve prazo o Museu do Ar receberá três novas salas de exposição - os hangares datados da fundação da Base Aérea em 1920 – já preparados para os requisitos necessários à boa visita e conservação de um espólio museológico. Serão mais 3500 m<sup>2</sup> de área expositiva que aumentarão com certeza os motivos para as visitas e reflexão, albergando duas temáticas principais (Guerra de África e Instrução) e os Serviços Educativos, que incluem o novo auditório do Museu para seu apoio – um Serviço essencial num Museu de Aviação, aula privilegiada que reúne vários saberes, como a aerodinâmica, física, química e design, entre outras áreas de conhecimento.

Continua, assim, o novo Museu do Ar na Granja do Marquês a cumprir a sua missão original e com o seu lema do “Dever da Memória”, agora com um núcleo expositivo central na Granja do Marquês, pólos museológicos em Alverca e em Ovar, no Aeródromo de Manobra nº1, um núcleo Museológico no Museu do Combatente, no forte do Bom Sucesso, Belém, contando ainda com depósitos e reservas distribuídas pelas Bases de Alverca, Alcochete e Beja.

Com uma equipa dedicada e apoiado pelo Grupo de Amigos do Museu do Ar (GAMA), o Museu conta com a TAP, e ANA e a Câmara Municipal de Sintra como parceiros e membros do seu Conselho Técnico, que reúne mensalmente. Existe ainda uma forte ligação à associação Aerofénix e à Associação de Antigos Especialistas da Força Aérea, desenvolvendo trabalhos programados de conservação e restauro, projectando-se para breve alguns protocolos com outras instituições (escolas técnicas) neste âmbito.

Julgamos que com estes elementos, após 42 anos de existência bem sucedida, se encontra bem lançado o Futuro do Museu.

## ENTREVISTA COM...



*Jaime Bulhosa é o proprietário da livraria Pó dos Livros, na Avenida Marquês de Tomar, 89 A, em Lisboa. Um dia destes, publicou um post no blog da livraria, intitulado “Típicamente português”, onde relatava a aventura que tinha sido encontrar um restaurante de comida portuguesa aberto num Domingo à noite, numa determinada zona dos arredores da cidade de Lisboa. E comentava: «Parece que naquela zona dos arredores de Lisboa os restaurantes são como eram os museus há uns anos atrás: sempre fechados nos dias em que os podíamos ir visitar.» E foi este o pretexto para esta mini-entrevista.*

*Maria Vlachou*

**ICOM.PT:** Sente que as coisas têm mudado?

**Jaime Bulhosa (JM):** Sem dúvida. Hoje em dia creio que a maioria dos museus fecha à segunda-feira e não ao fim-de-semana, quando temos tempo e disponibilidade para os visitar.

**ICOM.PT:** É visitante frequente?

**JM:** Sim, visito regularmente museus. E sempre que viajo para o estrangeiro não deixo de visitar os principais museus, principalmente, os de arte.

**ICOM.PT:** Não tem esta mesma necessidade aqui?

**JM:** Necessidade tenho, mas penso sempre que há tempo para os ir visitar noutra altura qualquer e, por isso, deixo sempre para depois... tipicamente português. Por exemplo, há anos que não vou ao Museu de Arte Antiga. Costumo visitar a Gulbenkian, sobretudo as exposições temporárias. No entanto, não visito a colecção permanente há uns anos. No passado fim-de-semana visitei a Casa das Histórias, em Cascais, mas não sei, ao certo, se pode ser considerado exactamente um museu...

**ICOM.PT:** Porquê, por causa do nome?

**JM:** Não sei... Sinceramente, não conhecia. Só entrei porque me chamou atenção um cartaz que vi na estrada a publicitar a exposição da selecção da Paula Rego. A visita foi rápida, não deu tempo para perceber se a Casa das Histórias tem ou não uma colecção permanente. Não sei se é ou não um museu. Todavia, gostei imenso do edifício.

**ICOM.PT:** E lá fora, então, qual é o seu museu preferido?

**JM:** Hum! ... É como se me perguntasse qual é o meu livro favorito. É difícil responder a essa pergunta. Estou a lembrar-me do Museu do Cairo no Egipto Tem peças fantásticas de uma civilização com uma imensa história. Mas se tivesse que escolher um, apenas um, diria o Louvre. Conheço bem, visitei-o muitas vezes e passei por quase todas as suas salas. E depois, é um edifício fantástico, numa cidade maravilhosa, como é Paris. Foi o primeiro museu, com aquela dimensão, que visitei na minha vida. Foi o primeiro contacto que tive com um grande museu, numa grande cidade, marcou-me imenso. Depois de visitar o Louvre, todos os outros me pareceram, de alguma maneira, uma repetição.

**ICOM.PT:** Então, se visita tanto no estrangeiro, porque é que não visita os museus aqui? É só uma questão de tempo, de pensar que há sempre tempo para os visitar?

**JM:** Em Portugal as colecções são menores e menos importantes. No entanto, têm a vantagem de me despertar a atenção para nomes de artistas menos divulgados que eu não conheço e isso é bom. Estou um pouco cansado de ver sempre os mesmos nomes lá fora.

**ICOM.PT:** Só me falou de museus de arte. Quando pensa em museus, só pensa em museus de arte?

**JM:** Sei que existem outros tipos de museus, mas são menos divulgados e isso faz com que nos esqueçamos de os visitar. Penso que seja apenas falta de comunicação na divulgação. Contudo, com os meus filhos, procuro visitar outro tipo de museus. Por exemplo, o Museu de História Natural. Os miúdos mais pequenos têm pouco paciência para ver quadros.

**ICOM.PT:** Acha que os museus hoje em dia comunicam melhor com o público?

**JM:** Sem dúvida. O acesso também mudou, os meios são outros, por exemplo, a Internet.

**ICOM.PT:** Soube do novo projecto da Google? Do Google Art Project? Acha que pode substituir a visita?

**JM:** Não. Mas para quem não pode viajar, ou para quem vive longe das grandes centros urbanos, é uma boa forma de os visitar. Porém, não é a mesma coisa. Dou-lhe um exemplo: ver futebol na televisão ou no estádio, ao vivo, é completamente diferente. Claro que em casa podemos ver a repetição das jogadas e dos golos, mas ao vivo a emoção é completamente diferente. É como ver um quadro num livro e depois vê-lo no museu. Ao vivo a dimensão, a textura, os materiais usados, transformam a percepção que tínhamos da obra noutra coisa completamente distinta, muito mais impressionante. Lembro-me de quando vi pela primeira vez o quadro *Guernica*, de Picasso ficar espantado com a dimensão e a força da narrativa que a obra nos transmite.

**ICOM.PT:** Porque é que procura visitar museus quando viaja?

**JM:** Nas viagens que faço as visitas aos museus fazem parte sempre do programa. Sinto mesmo essa necessidade, porque é através dos museus que muitas vezes tomamos contacto com a história e a cultura daquele lugar.

**ICOM.PT:** Uma vez que falou no Museu do Cairo, como é que se sentiu quando se soube que durante os dias da revolução foram roubadas ou destruídas algumas peças?

**JM:** Não me espantou. As condições de segurança eram péssimas. Quando o visitei, pensei que poderia, facilmente, ter saído de lá com uma ou duas peças no bolso (estou a brincar, evidentemente). Quando estava no museu do Cairo, lembrei-me que tinha visto edifícios egípcios inteiros no museu do Louvre e de ter pensado: isto é um autêntico roubo. Todavia, e ao mesmo tempo, a forma como as obras de arte estão expostas e protegidas é completamente diferente e, por momentos, cheguei a pensar que ainda bem que assim aconteceu. Evidentemente não estou a defender o roubo, porque é mesmo um roubo. Mas naquela altura, se isso não tivesse acontecido, muitas peças se teriam perdido para sempre.

**ICOM.PT:** Acha que o museu pode ser um espaço de diálogo, de confronto de ideias? Ou é um espaço onde somos convidados a reflectir sobre uma narrativa concreta, única?

**JM:** Visitei recentemente o Museu do Holocausto em Jerusalém. Achei fabuloso. Os Israelitas contam a história de uma forma muito inteligente. Pensei que optariam pelo lado fácil, que seria chocar-nos, apresentando o lado mais horroroso do Holocausto. Mas não, pelo contrário, transportam-nos suavemente pela história do holocausto, sem imagens demasiado chocantes, mostrando-nos essencialmente o dia-a-dia daquelas pessoas, exactamente iguais a nós.

**ICOM.PT:** E fala-se no museu do conflito com os Palestinianos?

**JM:** Deviam!... Confesso que só me apercebi da verdadeira dimensão do problema quando lá cheguei.

Chocou-me comparar como vivem os Israelitas e os Palestínianos. Os Palestínianos estão autenticamente cercados, fechados entre muros. Entendo que para os Israelitas seja difícil apresentarem os dois lados. Mas o museu seria o local ideal para o fazerem.

**ICOM.PT:** Qual o museu que faz falta em Lisboa?

**JM:** Talvez um museu sobre a guerra colonial?... Passados trinta anos, talvez já seja possível contar os factos com alguma distância e imparcialidade. O museu poderia marrar o porquê daquela guerra, o pouco sentido que teve e o quanto era justa a luta pela independência.

**ICOM.PT:** O que é que acha que os ex-combatentes teriam a dizer sobre isto?

**JM:** Era importante que se revissem no museu. Que fosse visível para os visitantes o drama que é viver uma guerra. Uma guerra injusta, mas da qual a responsabilidade não deve ser imputada aos ex-combatentes. Eles devem ser respeitados e admirados pelo que viveram.

**ICOM.PT:** Olhemos para o seu negócio. As livrarias independentes irão sobreviver?

**JM:** Acho que sim. As grandes cadeias só podem sobreviver vendendo grandes quantidades de livros. Os livros electrónicos irão trazer, provavelmente, grandes mudanças. Penso que o livro em papel irá sobreviver em paralelo com o livro electrónico e essa alteração será mais penalizante para as grandes cadeias, do que propriamente para as livrarias independentes.

**ICOM.PT:** O que é que as livrarias independentes têm de diferente para oferecer?

**JM:** Em primeiro lugar isso mesmo. Somos independentes. Depois temos menos quantidade de livros, é verdade, mas em contrapartida maior diversidade de títulos. Somos mais especializados. Somos livrarias de bairro onde existe grande proximidade entre clientes e livreiro.

## NOTÍCIAS ICOM

### ENCONTRO: SERVIÇOS EDUCATIVOS EM PORTUGAL – PONTO DA SITUAÇÃO ROSÁRIO AZEVEDO

No passado dia 7 de Fevereiro, realizou-se no Museu Nacional de Arte Antiga o Encontro **Serviços Educativos em Portugal: ponto da situação**. Esta iniciativa do ICOM Portugal contou com a presença de Emma Nardi, Presidente do CECA – Comité Internacional do ICOM para a Educação e a Acção Cultural, proporcionando um amplo debate sobre o estado actual dos Serviços Educativos em Portugal e as suas perspectivas para o futuro. A sua vinda a Portugal permitiu também um primeiro encontro dos membros portugueses do Comité CECA a fim de discutirem interesses comuns, potenciando assim, um maior envolvimento dos seus membros nos comités internacionais. Participaram ainda este Encontro cerca de quinze oradores e cento e setenta participantes.

Quem somos? O que fazemos? Como e para quem? Foram as perguntas que serviram de mote a este Encontro, que se iniciou com as comunicações de Emma Nardi e Paula Azeredo. O comité CECA, o seu âmbito de acção, actividades e projectos foram os principais pontos focados pela sua presidente, que referiu também o papel fundamental dos Serviços Educativos como mediadores culturais. Paula Azeredo falou da sua experiência pessoal de mais de vinte anos de trabalho, fazendo uma abordagem reflexiva das expectativas da educação em museus.

Seguiu-se uma retrospectiva histórica e crítica dos Serviços Educativos em Portugal por Catarina Moura, num registo mais pessoal, e por Graça Filipe como vice-presidente do IMC – Instituto de Museus e Conservação.

Os estudos de caso apresentados por Ana Flores do Palácio Nacional de Queluz, Jorge Prendas da Casa da Música e Madalena Victorino (coreógrafa e responsável durante 10 anos pelo, agora extinto, Centro de Pedagogia e Animação do CCB) reflectiram experiências de Serviços Educativos dentro e fora do contexto museal.

No último painel Carla Costa, Sofia Victorino e Inês Bettencourt da Câmara delinearam o perfil dos profissionais de Serviços Educativos desde a sua génese, a sua formação e a sua actuação em contexto de *outsourcing*.

O comentário final e a moderação do último período de debate coube a Sara Barriga, actual Coordenadora do Serviço Educativo da Casa das Histórias Paula Rego, que irá elaborar um documento-síntese, a divulgar oportunamente.

### ENCONTRO INFORMATIVO 'O PROGRAMA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA PARA OS MUSEUS E SEUS PROFISSIONAIS' INÉS BETTENCOURT DA CÂMARA

O encontro realizou-se no dia 24 de Janeiro no Auditório do Museu de Cerâmica de Sacavém. O ambiente muito agradável, assim como o informalismo e simpatia dos anfitriões, o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loures, João Pedro Domingues, e o Presidente do ICOM-Portugal, Luís Raposo, marcaram o tom do dia. Não obstante o elevado número de participantes, a discussão e o esclarecimento de dúvidas garantiram um encontro intenso, informal e descontraído.



Para tal contribuiu a organização do programa em que a Agência Nacional do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, representada por Rui Gato (Grundtvig) e Maria João Dornelas (Leonardo Da Vinci Mobilidades), soube conciliar uma abordagem muito técnica com os testemunhos muito informais de profissionais de Museus.

Como parte da organização, Joaquim Jorge, Assessor da Cultura para a Vice-Presidência da Câmara Municipal de Loures, Inês Bettencourt da Câmara e Ana Fernambuco, da Mapa das Ideias, pontuaram o ritmo com intervenções e exemplos que reflectiam sobre o enorme potencial que a aprendizagem ao longo da vida pode representar para os museus.

No entanto, os testemunhos das convidadas foram os mais entusiasmantes, porque mostraram como as duas dimensões do programa – aprendizagem e mobilidade – podem ser factores de mudança pessoal e institucional.

No contexto das mobilidades Grundtvig, Sara Barriga e Rita Canavarro partilharam as suas experiências.

Sara Barriga, da Casa das Histórias Paula Rego, perante uma certa desilusão quanto à formação formal no workshop em que participou juntamente com Susana Gomes da Silva do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, considerou a experiência muito rica graças à dinâmica entre pares e a capacidade de dialogar com outros colegas de contextos culturais e institucionais diferentes, criando um potencial para futuros projectos em rede.

Rita Canavarro, do Centro de Interpretação da Fundação Batalha de Aljubarrota, reflectiu sobre uma experiência de formação vivida em Itália sobre *Voluntariado nos Museus* e demonstrou como essa aprendizagem influenciou a sua visão como voluntária e cidadã, mas também como coordenadora de um serviço educativo que irá implementar este Verão um programa de voluntariado jovem.

Já no âmbito das Mobilidades Leonardo da Vinci, Sílvia Sá, do Museu da Presidência, apresentou um projecto que se revelou muito intenso e prolixo nos seus resultados. Tendo em vista as colecções relacionadas com as Ordens Honoríficas, dois profissionais relacionados com a conservação e restauro tiveram a oportunidade de conhecer a realidade de outras instituições de referência, trazendo esse *know-how* para o Museu, assim como um sentido de rede que se revela muito importante numa área tão específica.

A avaliação sumária confirmou a apreciação global uma vez que a maioria (59%) dos 85 participantes considerou que este foi um evento muito útil, tendo em conta as expectativas iniciais.

## NOVAS PUBLICAÇÕES

### **Museus para o povo português**

Joana Damasceno

Imprensa da Universidade de Coimbra

ISBN: 978-989-8074-94-2

### **Património Imaterial do Douro – Narrações Orais, Vol.**

Alexandre Parafita

Âncora Editora

ISBN: 9789727803040 / €23,00

### **The social work of museums**

Lois H. Silverman

Routledge

ISBN: 978 0 415775212 / £24.99

### **Science for the nation: Perspectives on the history of the science museums**

Peter J.T. Morris (ed)

Palgrave Macmillan

ISBN: 978 0 230 230095 / £65

### **Behind the scenes at the Museum of Baked Beans: My search for Britain's Maddest Museums**

Hunter Davies

Virgin Books

ISBN: 978 0 75352 2134 / £11.99

## CALENDÁRIO DE INICIATIVAS DEZ 2010 ~ FEV 2011

### PORTUGAL

[Jornadas] **IX JORNADAS ICOM PORTUGAL**

**MUSEUS E MEMÓRIA: OS OBJECTOS CONTAM A VOSSA HISTÓRIA**

28 MAR

Museu das Comunicações, Lisboa

Programa detalhado e informações: [www.icom-portugal.org](http://www.icom-portugal.org) / [info@icom-portugal.org](mailto:info@icom-portugal.org)

### ESTRANGEIRO

[Conferência] **EXHIBITING EUROPE: THE DEVELOPMENT OF EUROPEAN NARRATIVES IN MUSEUMS, COLLECTIONS AND EXHIBITIONS**

7 a 9 ABR

Interkulturelt Museum/Intercultural Museum, Oslo

Informações: [www.ntnu.edu/exhibiting-europe](http://www.ntnu.edu/exhibiting-europe)

[Conferência] **HERITAGE OF MINES AND MINING**

14 a 16 ABR

Innsbruck, Áustria

Informações: [http://www.tourism-culture.com/pop\\_up/forthcoming\\_conferences.html?PAGE=3](http://www.tourism-culture.com/pop_up/forthcoming_conferences.html?PAGE=3)

## MAIS À FRENTE

[Conferência] **THE MUSEUM 2011. BUILDING IDENTITY: THE MAKING OF NATIONAL MUSEUMS AND IDENTITY POLITICS**

16 a 18 NOV

Taipei, Taiwan

Para mais informações: [museum2011.tw@gmail.com](mailto:museum2011.tw@gmail.com)

## E AINDA...

Informação sobre todos os encontros dos Comitês Internacionais do ICOM em <http://icom.museum/calendar.html>

INFORMAÇÃO ICOM.PT é uma publicação trimestral da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.

**Editora** Maria Vlachou ([mariavlachou.pt@gmail.com](mailto:mariavlachou.pt@gmail.com))

**Design** Sistemas do Futuro

Colaboraram nesta edição: Ana Isabel Apolinário, Dália Paulo, Emma Nardi, Inês Bettencourt da Câmara, Madalena Oliveira, Maria João Vasconcelos, Maria Vlachou, Rosário Azevedo, Yann Araújo.

A todos os colaboradores o nosso agradecimento.